



REVISTA

# Cadernos de Educação

FaE | PPGE | UFPel

ARTIGO | DOSSIÊ

## Carta a Nilda Alves: meu encontro e pesquisa nos/dos/com os cotidianos

*Letter to Nilda Alves: my encounter and research in/into/with everyday life*

*Carta para Nilda Alves: mi encuentro e investigación em/com/las actividades cotidianas*

Daiana Braga Santos  
Maria Luciana Botti  
Cássia Beatriz  
Batista

### RESUMO

*Carta a Nilda Alves (...)* retrata meu encontro com a pesquisa na unidade básica de saúde onde trabalho como agente comunitária de saúde. A carta leva-nos a conhecer como se deu o processo de aprendizagem e formação enquanto pesquisadora imersa nos cotidianos de uma comunidade no entrelaçamento de demandas de cuidado, que construíram uma rede educativa com usuários do Sistema Único de Saúde durante a pandemia.

**Palavras-chave:** cotidianos; formação; rede.

### ABSTRACT

*Letter to Nilda Alves (...)* portrays my encounter with research in the basic health unit in which I work as a community health agent. The letter provides an insight into the process of learning and training as a researcher immersed in the daily life of a community and the intertwining of demands for care, which have built an educational network with users of the Brazil's Unified Health System (SUS) during the pandemic.

**Keywords:** everyday life; training; network.

### RESUMEN

*Carta para Nilda Alves (...)* relata mi encuentro con la investigación en la unidad básica de salud donde trabajo como agente de salud comunitaria. La carta nos lleva a conocer como se produjo el proceso de aprendizaje y capacitación mientras la investigadora estaba inmersa en las actividades cotidianas de una comunidad entrelazada con las demandas de cuidados que formaron una red educativa con los usuarios del Sistema Único de Salud durante la pandemia.

**Palabras-clave:** cotidiana; capacitação; red.

[...] porque a vida é mutirão de todos,  
por todos remexida e temperada.  
(ROSA, 2020, *online*)

Prezada companheira de pesquisa nos/dos/com os cotidianos, Nilda Alves, venho, através desta carta, convidá-la a conhecer a minha trajetória e como se deu meu encontro e pesquisa nos/dos/com os cotidianos. Já que a nossa parceira Regina Leite Garcia<sup>1</sup> aqui não se encontra mais, dedico a ela esta carta. Poderia, simplesmente, relatar a minha pesquisa e os resultados obtidos, mas vou lhe contar um pouco da minha trajetória, pois, ao me conhecer, poderá compreender o meu processo de aprendizagem como discente da pós-graduação e poderei apresentar-lhe a minha rede educativa construída no cotidiano com usuários do nosso Sistema Único de Saúde (SUS).

Em uma de suas obras, Nilda (ALVES, 2003), você nos apresenta os cinco movimentos necessários para se desenvolverem pesquisas nos/dos/com os cotidianos. Segundo o quarto movimento, nomeado por você como *narrar a vida e literaturizar a ciência*, precisamos encontrar uma maneira acessível e compreensível para que todos os nossos leitores, principalmente os *praticantes* dos cotidianos, compreendam aquilo que estamos dizendo:

Quando para comunicar novas preocupações, novos problemas, novos fatos e novos achados que os *acontecimentos* nos trazem, nos é indispensável uma nova maneira de escrever para chegar a todos a que precisamos falar, em especial os próprios *praticantes* dos cotidianos, para lhes dizer o que vamos compreendendo ao estudar, com eles, suas ações e seus conhecimentos. (ALVES, 2003, p. 3)

Desculpe-me pela citação literal de suas palavras, mas foi fundamental para informar que, apesar de esta carta ser destinada a você, espero que ela encontre outros novos leitores, que se apaixonem ou se aproximem das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. Para isso, escrevo a você como se estivéssemos realmente dialogando, numa linguagem simples e acessível “a

---

<sup>1</sup> Regina Leite Garcia foi uma professora, assim como Nilda Alves, que transitou a sua pesquisa entre a escola básica e a universidade. Juntas, foram essenciais para o desenvolvimento e o fortalecimento dos estudos e pesquisas nos/dos/com os cotidianos. (CAETANO; SUSSEKIND; RIBEIRO, 2023).

todos que precisamos falar” (ALVES, 2003, p. 3) e que nossos leitores persistam até o final. Portanto, utilizo-me das palavras de Camini (2021, p. 5):

Não prometo ser uma carta breve, pois o exercício de escrever perpassou a dinâmica da vida. O propósito é extrair o melhor do aprendizado de uma vida toda que resulta nessa narrativa reflexiva. Farei o esforço possível para construí-la atraente e agradável, a mantê-lo na leitura, cuja escolha de continuar lendo poderá ser feita pelas primeiras impressões, capturadas nas páginas iniciais. Caso sentir desejo e inspiração, escreva a sua carta, e se chegar às minhas mãos, vou lê-la com todo o prazer e alegria.

### **Minha trajetória acadêmica**

Sou estudante oriunda da rede pública de ensino. Aos três anos, ingressei no pré-escolar e por lá permaneci por mais três anos. Ao longo do Ensino Fundamental, fui a aluna exemplar no quesito notas, mas, muito tímida, não participava das aulas. O Ensino Médio foi a fase rebelde da vida, na qual discordava de tudo e comecei a participar ativamente das aulas. Naquela época, o futuro profissional ainda era incerto.

Acredito que o fato de ser a única filha, de três, interessada em estudar, levou a minha mãe a fazer a minha inscrição no vestibular de Letras da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), pois eu gostava de leitura e escrita. Recordo-me da alegria de minha mãe, em janeiro de 2006, me ligando para falar sobre a minha aprovação no vestibular. Parecia que era ela quem tinha sido aprovada.

Ao longo da graduação em Letras, meu pensamento foi trancar o curso (pensamento este que me acompanhou por muito tempo). Pensava em prestar vestibular para Matemática (minha paixão na escola), mas persisti e formei-me. Em 2011, prestei vestibular para Pedagogia. Iniciei o curso no ano seguinte, porém uma experiência não exitosa em sala de aula levou-me a desistir e trancar o curso. Em 2013, fiz outro vestibular. Iniciei o curso de Ciências Contábeis e, mais uma vez, vi que não era o que realmente desejava. No entanto, a graduação em Ciências Contábeis foi importante para descobrir que eu não pertencia àquele mundo e que deveria retornar para a Pedagogia, pois uma experiência não exitosa não podia determinar a minha trajetória.

Em 2017, a vida virou de cabeça para baixo, mas “do caos pode surgir uma nova auto-organização” (GARCIA, 2003, p. 202): concluí o curso de

Ciências Contábeis, saí do emprego, no qual estava desde 2013, tentei o Mestrado em Educação (não fui aprovada), fiz o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e fui aprovada em Pedagogia e no processo seletivo para contratação de Agente Comunitária de Saúde (ACS).

Em 2018, iniciei o curso de Pedagogia e o trabalho como ACS. Para ser sincera, não sabia o que era o trabalho da ACS, mas a busca por um emprego me levou para esse caminho.

O trabalho como ACS aflorou em mim um novo olhar para as pessoas ao meu redor. Aprendi que não devo resumir uma pessoa a um momento de estresse, no qual brigou com quem estava na recepção da unidade de saúde. Por trás daquele estresse, tem sempre um motivo. Aprendi, também, a não entender saúde como ausência de doença e que tudo ao nosso redor interfere na saúde. Aprendi, ainda, que toda história tem várias versões e que uma não tem mais valor que a outra. Pelo contrário, cada um traz sua versão a partir de sua vivência. O maior aprendizado tem sido aprender a escutar o outro, respeitá-lo e acolhê-lo. (SANTOS, 2022, p. 18)

Ao longo do curso de Pedagogia, identifiquei-me com a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e, em 2019, tive a oportunidade de ser voluntária no *Programa de Extensão Alfabetização e Letramento com Pessoas Idosas (PALPI)*, da UFSJ, coordenado pela professora e doutora Mônica de Ávila Todaro, no qual permaneço até o momento. O PALPI está sendo essencial em minha formação humana, uma vez que não adianta ter inúmeras formações se

não se (trans)formar em um ser humano melhor, em alguém que reconheça a importância de se posicionar, que entenda que não somos (e não podemos acreditar que sejamos) neutros e que precisamos lutar contra as diversas desigualdades e opressões com as quais convivemos. (SANTOS, 2022, p.18)

Temos que nos conscientizar da importância de reconhecer o nosso lugar no mundo. É como diz o grande educador Paulo Freire (2011, p. 53):

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser objeto, mas sujeito também da história.

Hoje, afirmo que fui fruto de uma “educação bancária” e que minha formação tem me conduzido em prol da minha autonomia e criticidade. Em 2019, novamente, tentei uma vaga no Mestrado com um projeto de pesquisa

voltado para a EJA. Fui aprovada, não pela orientadora que havia indicado, mas por uma das docentes, que participou de minha entrevista e se interessou pelo meu trabalho na Estratégia Saúde da Família (ESF) enquanto ACS.

A minha orientadora não era da área do meu projeto. Então, decidimos alterar minha pesquisa relacionando o meu trabalho enquanto ACS com a educação. Resolvemos desenvolver minha pesquisa voltada para um outro programa de extensão, que participava e que ofertava Educação Permanente aos profissionais do SUS e do Sistema Único de Assistência Social, coordenado pela professora e doutora Rosa Gouvêa de Sousa, intitulado *ABRASUS ABRASUAS – Gestos e Afetos*. Todavia, a pandemia da COVID-19 impactou diretamente minha pesquisa, já que não consegui continuar a participar do Programa.

Dialogando com minha orientadora, observamos o quanto a pandemia havia impactado na minha pesquisa, além de interferir diretamente no meu cotidiano de trabalho e nos cotidianos dos demais profissionais da saúde:

Em especial, sofremos mais estresse, sobrecarga e medo. Isso reverberou no meu processo de pesquisar, de escrever, por diversas vezes, paralisando-me e fazendo-me questionar se a pós-graduação seria o meu lugar. Dessa forma, resolvemos mudar a minha pesquisa e estudar um tema de possível realização no momento e que tivesse relação com o meu trabalho, o que facilitaria e possibilitaria a minha pesquisa. (SANTOS, 2022, p. 19-20)

Veja bem. Regina disse, certa vez, que “o cotidiano assusta, dá medo, intriga, fascina. Há quem se assuste, há quem fique intrigado, há quem morra de medo e há também os afortunados” (GARCIA, 2003, p. 193) como eu, que, a princípio, fui paralisada, mas logo me deixei fascinar pelo cotidiano e fiz dele oportunidade, “que vive a nos revelar em suas dobras que, ao se desdobrar, deixa aparecer o que estava escondido e que à primeira vista não aparecia.” (GARCIA, 2003, p. 193)

Alteramos nossa pesquisa, sim, nossa pesquisa, porque ela é fruto de um trabalho coletivo, no qual minha orientadora e meus companheiros de orientação e de pesquisa ajudaram a construir. Temos que ter consciência de que, enquanto pesquisadoras que somos, temos nossas “cegueiras epistemológicas” e que é a partir do olhar do outro que somos capazes de enxergar aquilo que por nós não era percebido (LOUZADA; ALVES, 2018) e

“que é no coletivo que a gente aprende, que a gente produz conhecimentos, que a gente cresce.” (SOARES, ALVES, 2016, p. 340)

Começamos a pesquisar quais práticas educativas estavam presentes no trabalho da ACS em sua relação com os usuários e com os demais profissionais do SUS além de quais “educações” possíveis em tais práticas: Educação Permanente em Saúde, Educação Continuada, Educação em Saúde e Educação Popular em Saúde. Infelizmente, esse tema não vingou.

Ao longo da pesquisa, percebemos que o caminho percorrido não pode ser representado linearmente. Pelo contrário, é marcado por idas e vindas, caminhos sinuosos, que, aos poucos, vamos desbravando novos conhecimentos, e a pesquisa, outra vez, mudou o seu rumo, mostrando que era preciso estar sempre aberta para as mudanças necessárias. E nesse novo caminho, no qual desbravamos terras desconhecidas, nossa pesquisa se abriu ao novo e de onde deveria ter começado. (SANTOS, 2022, p. 20)

Ao invés de ficar paralisada pela pandemia, foi imprescindível estar aberta às inúmeras possibilidades oferecidas pela novo, buscando novos caminhos, que me levassem a encontrar um novo tema de pesquisa. Em 2020, fiz a disciplina *Narrativas e Cuidado em tempos de isolamento*, cujo objetivo era “estimular a escrita narrativa como modo de produzir memória sobre a pandemia com o intuito de aprender sobre cuidado e ciência”. Desse modo, pude desbloquear a minha escrita além de me reaproximar da poesia.

Em 2021, fiz um curso *online*, *Narrativas e Encontros: Formação e Cuidado em Saúde*, oferecido por três universidades públicas – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). O curso possibilitou a construção de espaços coletivos de discussão e compartilhamento de narrativas e experiências envolvendo temas relacionados ao acolhimento e à humanização na área da saúde.

Tive a possibilidade de cursar a disciplina *Tópicos Especiais em Cultura Digital*. Ao final da disciplina, cada estudante deveria produzir um texto relacionando a disciplina com a sua pesquisa. Foi por meio desse texto que pude redefinir a minha pesquisa.

Essas duas disciplinas durante o Mestrado em Educação me ajudaram na escrita de diários de campo, cenas e narrativas do vivido na prática de ACS

durante a pandemia. A escrita foi se tornando rotineira no meu processo de observar, indagar a realidade e percorrer o território de pesquisa e de minha prática em saúde. O olhar sobre o meu cotidiano de trabalho foi se alterando com o passar do tempo e com a escrita.

Após refletir sobre as minhas práticas cotidianas enquanto ACS e de como era possível educar em plena pandemia da COVID-19 por meio do meu trabalho, a pesquisa tomou forma: a pandemia exigiu que eu reinventasse minha rotina de trabalho e meu modo de trabalhar, ressignificando o uso da tecnologia a meu favor, no qual o meu território, que antes era a rua e os portões das casas, apresentou-se virtualmente (SANTOS, 2022). A pesquisa foi intitulada *Práticas educativas no trabalho da agente comunitária de saúde durante a pandemia da COVID-19*.

Toda a minha trajetória acadêmica fez-me perceber que é no cotidiano que as coisas acontecem, que os seres humanos são afetados e que, a partir de suas ações diárias, é possível produzir novas formas de estar no mundo, a começar do que é imposto, desenvolvendo novos conhecimentos e significações, além de outras práticas e pensamentos. (ALVES; BERINO; SOARES, 2012)

Você deve ter percebido que a minha pesquisa e a minha trajetória foram marcadas por idas e vindas, certezas e incertezas, momentos, que me paralisaram e me fizeram colocar em dúvida se estava no caminho/lugar certo. Pois bem, isso nada mais é do que a nossa vida nos mostrando que o cotidiano é a “dimensão criadora da vida e, principalmente da vida em sociedade, e dos diferentes momentos de existência humana produzidos nos e produtores dos múltiplos espaçotempos em que ela se inventa e se realiza, dia após dia”. (FERRAÇO; SOARES; ALVES, 2018, p. 90)

O cotidiano está aí formando quem somos e vamos nos tornando. A partir de nossas práticas e dos sentidos que damos, vamos construindo redes de conhecimento, reafirmando-nos como um espaçotempo de “produção de conhecimentos, incluindo-se, entre eles, os valores, e de produção da existência.” (FERRAÇO; SOARES; ALVES, 2018, p. 90)

## Conhecendo a minha pesquisa

Ao longo da minha pesquisa, fui produzindo diversos gêneros textuais: o primeiro deles foi a escrita de narrativas, as quais abordavam “a minha vivência com foco nas práticas educativas ou, ainda, no meu trabalho de cuidado cotidiano de modo mais livre, mas com temas presentes em minha rotina de trabalho” (SANTOS, 2022, p. 43-44). O segundo foi a escrita do diário de campo, pensando em registrar mais formalmente o que estava observando. E o terceiro foi a produção de cartas, pensando numa forma de me aproximar mais do campo de pesquisa.

Como sujeito imerso no cotidiano pesquisado, participante direta na pesquisa e como praticantepensante que era (e sou), era primordial aproveitar o que aprendi durante o meu processo de construção como pesquisadora, pois eu vivi a falácia de acreditar que o pesquisador deve manter a frieza científica e distanciar-se do objeto de estudo, para que tivesse validade.

Isso por que tudo o que tínhamos aprendido e sabíamos sobre o ‘pensar e fazer ciência’ fora criado em um movimento que precisou ‘superar’ e mesmo ‘negar’ os conhecimentos cotidianos bem como os modos como eram/são criados. Ou seja, para ir além dessas lições aprendidas, tínhamos que lutar contra o que, em nós, estava *encarnado*: a cegueira que em nós instalara a formação recebida. (ALVES, 2003, p. 2)

Daí, você surgiu, Nilda, mostrando-me que era preciso estar aberta ao novo e não me prender em ideias fixas, porque a pesquisa em si exige movimento, é um constante reinventar-se:

Precisamos nos ver, como pesquisadores, mergulhados em nossos próprios cotidianos, nos quais abraçamos ferrenhamente algumas ideias que devemos, desconsertados, deixar para trás ou criticar com força mais adiante, pois a vida impõe todas as vezes e assim deve ser, em especial nessas pesquisas. Todo esse processo nos mostra em permanente movimento e nos indica que somos e pensamos diferente daquilo que pensávamos pensar algum tempo antes. (ALVES, 2003, p. 1-2)

Resolvi me assumir na pesquisa. Para isso, resolvi *beber em todas as fontes e mergulhar com todos os sentidos*, resgatando, para a minha pesquisa, cenas do meu cotidiano. Utilizando um viés mais literário, construí quatro cenas, que dialogavam com poesias construídas ao longo da minha (trans)formação como pesquisadora.

Na primeira cena – *Pelas ondas da rádio e da rede: a voz da ACS* – apresentei a minha rotina enquanto ACS, que, com a pandemia da COVID-19, foi totalmente alterada.

É preciso cuidar João,  
é preciso distanciar Antônio,  
é preciso usar máscaras  
é preciso isolar nós todos.  
É preciso salvar o país,  
é preciso crer em Deus,  
é preciso pagar as dívidas,  
é preciso comprar o pão,  
é preciso esquecer as perdas.  
É preciso voltar ao trabalho,  
é preciso estar sempre alerta,  
é preciso adaptar ao novo normal,  
é preciso colher as esperanças  
de que rezam nossas orações.  
É preciso viver com o vírus  
é preciso não transmiti-lo,  
é preciso ter mãos alcoólicas  
e esperar anunciar O FIM DA PANDEMIA.  
(SANTOS, 2022, p. 49)

A adaptação do *Poema da necessidade*, do grande autor Carlos Drummond de Andrade, feita por mim, introduziu a minha primeira cena, na qual apresentei aos leitores como a pandemia alterou o meu cotidiano, fazendo com que fosse necessário ressignificar o uso da tecnologia a meu favor, no qual o meu território de trabalho, que antes era caracterizado pelos portões e casas, se apresentou virtualmente, utilizando as tecnologias digitais de informação e de comunicação para continuar o exercício de minhas funções.

A segunda cena, *Joaninha e o PDF no meio do caminho*, apresenta Joaninha, uma senhora de 56 anos, que recorre à ACS junto à Unidade de Saúde, para tentar conseguir se candidatar a uma vaga como auxiliar de serviços da Educação Básica, já que, com a pandemia, o processo para contratação modificou-se, passando a ser *online*, no qual a pessoa precisa encaminhar a documentação em PDF para o *e-mail* da escola, a fim de concorrer à vaga disponível, e a senhora desconhecia o que era PDF, além de não dispor dos recursos necessários.

Joaninha se desesperou, pois não sabia o que era um PDF, tanto que passou dias com o tal do PDF na cabeça e perdeu vagas em escolas por causa daquele bendito PDF, que estava em seu caminho. Sua cabeça era só preocupação. O que faria? Precisava trabalhar. Joaninha se lembrou do postinho de

saúde. Lá, sempre que precisava, alguém a socorria.  
(SANTOS, 2022, p. 56)

Regina já nos alertava “que grandes contingentes da população [...] vão sendo impedidos de exercer um dos direitos fundamentais de todo ser humano, que é o direito ao trabalho” (GARCIA, 1996, p. 8), assim como aconteceu com Joaquina, que, pelo desconhecimento do que era um PDF, cada vez mais, se distanciava do emprego de que necessitava.

A terceira cena – *E agora, José? O Instagram te ajudou?* – nos apresenta uma família com dois casos semelhantes de parentes, que apresentam o uso abusivo de álcool, sendo que um contava com a ajuda da Unidade de Saúde e o outro, por ser de outro município, não gozava desse recurso, sendo preciso que o sobrinho procurasse ajuda e um possível tratamento por meio do *Instagram* da ACS. Para introduzir essa cena, produzi uma adaptação do poema *José*, do poeta Carlos Drummond de Andrade, com o objetivo de despertar em meu leitor uma sensibilidade e um olhar para com os inúmeros “Josés” que são invisíveis em nosso cotidiano, no qual nós os ignoramos com as justificativas de não termos tempo para ajudar, de que nossa vida é uma correria ou, pior ainda, de que “a pandemia da COVID-19 nos obrigou a manter determinado isolamento social”. Para os “Josés” que vivem na rua ou aqueles que têm algum vício, esse isolamento e o distanciamento sempre existiram.” (SANTOS, 2022, p. 65)

E agora, José?  
O contato acabou,  
a distância aumentou,  
o povo sumiu,  
a noite esfriou,  
e agora, José?  
e agora, você?  
você que é sem nome,  
que sempre foi da rua,  
você que pede esmolas,  
que faz malabares, suplica?  
e agora, José?

Está solitário,  
está sem alimento,  
está sem carinho,  
já não tem com quem contar,  
já não pode pedir,  
aproximar já não pode,  
(aliás, nunca pôde)  
a noite esfriou,

o dia passou,  
o tempo passou,  
o ano passou,  
não veio a cura  
e ninguém o viu  
e tudo acabou  
e tudo fugiu,  
e agora, José?

E agora, José?  
Sua esperança,  
seu instante de fé,  
seus amigos,  
sua família,  
sua vida,  
seu alimento,  
resta apenas seu sonho – e  
agora?

Com a máscara no rosto  
quer somente a cura,  
não existe a cura;  
quer viver sua vida,  
mas sua vida nunca existiu;  
quer ir para casa,  
Mas não tem para onde ir.  
José, e agora?

Se você gritasse,  
se você gemesse,  
se você tivesse  
alguém que confiasse,  
e te ajudasse,  
se você acreditasse,  
se você gritasse...  
Mas você não grita mais,  
ninguém o escuta, José!

Sozinho nas ruas  
qual animal abandonado,  
sem família,  
sem amigos  
para ajudar,  
sem ninguém  
somente a máscara,  
você segue, José!  
José, para onde?  
(SANTOS, 2022, p. 64)

Na quarta e última cena – *Dona Clotilde chega ofegante. Será COVID?* – conhecemos uma senhora viúva com 82 anos, que mora sozinha e tem o pagamento suspenso, tendo que recorrer pela *internet* ou por ligação telefônica

e que, por não saber utilizar a *internet*, acaba sendo excluída, e a solução encontrada é ir até a Unidade de Saúde próxima ao seu domicílio procurar por ajuda: “Eu fui ao banco. A moça falou que não tinha pagamento, que eu ia ter que ligar para o INSS ou pela *internet*, para descobrir o que aconteceu. Eu nem sei olhar as coisas na *internet*. Por isso, vim aqui, para vocês me ajudarem.” (SANTOS, 2022, p. 70). Nessa cena, temos uma idosa impossibilitada de acessar um recebimento financeiro de direito, tendo que buscar ajuda com a ACS para solucionar seu problema.

Como você também deve ter vivenciado daí e foi-nos apresentado nas cenas, a pandemia alterou o cotidiano da população e a forma como os serviços e as políticas públicas eram ofertados. O que antes era presencial passou a ser *online* pela *internet*, destacando-se a desigualdade na oferta de tais serviços e políticas, além de excluir pessoas, que desconhecem e/ou não dispõem de recursos para o uso da *internet*. (SANTOS, 2022). É no cotidiano que essas mesmas pessoas praticantes buscaram (e buscam) estratégias para sobreviver:

É ali, no cotidiano, que sujeitos encarnados lutam, sofrem, são explorados, subalternizados, resistem, usam astúcias para se defender das estratégias dos poderosos, se organizam para sobreviver, e assim vivem, lutam, sobrevivem e, como todos os mortais, um dia morrem. Não esquecendo que uns morrem antes do que outros, dadas as condições de vida, no limite da morte, a que estão expostos. (GARCIA, 2003, p. 195)

Por meio das cenas, percebemos que a ACS surge como uma educadora em saúde “capaz de transformar suas próprias condições de vida e da comunidade” (SANTOS, 2022, p. 77). Isso só é possível devido à relação entre a ACS e os usuários do SUS, do vínculo e da confiança construídos; ou seja, das redes construídas. Redes essas, que “se tecem por meio das nossas múltiplas inserções nos diferentes espaçostempos sociais em que, de modo mais ou menos consciente, aprendemos e as modificamos, modificando-nos ao mesmo tempo” (OLIVEIRA, 2016, p. 36) e construindo eficientes alianças contra a opressão, a repressão e a exclusão. Percebemos que, “neste sentido, ações envolvendo apoio mútuo e solidariedade entre profissionais/mediadores e grupos populares podem surgir como algumas das respostas, não somente

em emergências, mas como um estilo de trabalho”. (GARCIA; VALLA; 1996, p. 16)

## É chegada a hora de partir...

É chegada a hora de nos despedirmos. Mas, antes, gostaria de falar um pouco sobre o que significou este meu encontro e pesquisa nos/dos/com os cotidianos: posso dizer que foi um momento em que pude mergulhar na realidade, enxergando o que antes me passava despercebido, sentindo e sendo afetada pelas pessoaspraticantes, e, sobretudo, um mergulho interno, no qual me constituí enquanto pesquisadora. Os cotidianos me permitiram

mergulhar inteiramente em uma determinada realidade buscando referências de sons, sendo capaz de engolir sentindo a variedade de gostos, caminhar tocando coisas e pessoas e me deixando tocar por elas, cheirando os cheiros que a realidade vai colocando a cada ponto do caminho diário. (ALVES, 2001, p. 17 *apud* ALVES, 2003, p. 5)

Faço minhas as palavras de Regina, quando ela disse que considera o cotidiano “como um rico espaço de construção de conhecimentos” (GARCIA, 2003, p. 204), no qual temos que evidenciar os saberes e fazeres ordinários, que são tecidos cotidianamente “no entrelaçamento das diversas redes que constituem cada um e todos os seus *praticantespensantes*” (FERRAÇO; SOARES; ALVES, 2018, p. 100) e que:

Em suas operações de usuários do que é posto ou imposto, nas artes de *fazersaber*, esses sujeitos se constituem e criam conhecimentos, relações e modos de existência contra-hegemônicos que desorganizam as tentativas de controle, governabilidade e formatação da vida conforme os interesses hegemônicos. (FERRAÇO; SOARES; ALVES, 2018, p. 100)

Enfatizo, nesta carta, algo dito por você e pela Alessandra quando afirmam que só avançamos quando aquilo que produzimos circula “entre todos os interessados que são, a nosso ver, os seres humanos em suas humanas ações” (CALDAS; ALVES; 2014, p. 188); daí, a importância de compartilharmos e publicarmos nossas pesquisas em qualquer tipo de mídia. (CALDAS; ALVES, 2014)

Para finalizar, despeço-me de você – e daqueles que permaneceram a leitura até aqui – com palavras de esperança, que “a ‘mudança’ que necessitamos brota de nosso dia a dia, de nossa capacidade e sensibilidade para ver aquilo que pode parecer óbvio para outros.” (GARCIA, 2010, p. 196) e que:

Nossa esperança reside na possibilidade de emergência de uma nova organização a partir do caos. Nossa luta é para que do caos possamos construir uma nova forma de viver neste planeta em que alguns vivem e outros apenas sobrevivem, vida que seja pautada pelo profundo sentimento de compaixão, que supera o sentimento individual dirigido a um outro apenas e se abre para o mais amplo sentimento de *paixão pela humanidade*. (ALVES, GARCIA, s/d., p. 5)

Que saibamos mergulhar inteiramente naquilo a que nos propusermos a pesquisar, que sejamos afetados pelos sons, cheiros, gostos, imagens e que nos deixemos tocar pelos cotidianos e pelas pessoas praticantes.

Abraços de uma pesquisadora, que se constituiu nos/dos/com os cotidianos.

## Referências

ALVES, Nilda. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. *Teias*, Rio de Janeiro, ano 4, n. 7-8, p.1-8, jan./dez. 2003.

ALVES, Nilda; BERINO, Aristóteles; SOARES, Conceição. “Como e até onde é possível pensar diferente?” *Micropolíticas de currículos, poéticas, cotidianos e escolas*. *Teias*, v. 13, n. 27, p. 49-66, jan./abr. 2012.

ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite. A invenção da escola a cada dia. Mimeo, s/d. Disponível em: <<http://grupalfa.sites.uff.br/memorial-regina/biblioteca-regina-leite-garcia/>>. Acesso em: 15 set. 2023.

CAETANO, Marcio; SUSSEKIND, Maria Luiza; RIBEIRO, Tiago. Dossiê temático: “Tudo que nóiz tem é nóiz”: pesquisas com os cotidianos e os diferentes praticantes pensantes da Educação e dos Movimentos Sociais Populares. *Cadernos de Educação*, Pelotas: UFPel, 2023. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/caduc/announcement/view/588>>. Acesso em: 23 set. 2023.

CALDAS, Alessandra Nunes; ALVES, Nilda. Circulação de ideias em pesquisas com os cotidianos: contatos entre os *praticantes pensantes* de currículos na internet. *Teias*, v. 15, n. 39, p.187-213, 2014.

CAMINI, Isabela. Cartas Pedagógicas – aprendizados de uma vida. *Cadernos de Educação*, Pelotas: UFPel, n. 65, p.1-23, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/caduc/article/view/22087>>. Acesso em: 15 set. 2023.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; SOARES, Maria da Conceição Silva; ALVES, Nilda. Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação. [online]. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018. 109p. Disponível em: <<https://books.scielo.org/id/ps2mx>>. Acesso em: 15 set. 2023.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011. 143p.

GARCIA, Regina Leite. *Conversas com as Professoras*. Niterói: Centro de Estudos Sociais Aplicados/Faculdade de Educação. Abr. 1996. Disponível em: <<http://grupalfa.sites.uff.br/memorial-regina/biblioteca-regina-leite-garcia/>>. Acesso em: 15 set. 2023.

GARCIA, Regina Leite. A difícil arte/ciência de pesquisar com o cotidiano. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Método, métodos e contramétodo*. São Paulo: Cortez, 2003. pp.193-208. Disponível em: <<http://grupalfa.sites.uff.br/memorial-regina/biblioteca-regina-leite-garcia/>>. Acesso em: 15 set. 2023.

GARCIA, Regina Leite. José – de dia aluno da escola, de noite menino de rua. In: SILVA JR., Celestino A. da; RANGEL, Mary. (Org.). *Nove Olhares sobre a Supervisão*. 15 Ed. São Paulo: Papirus. v. 1, p.163-197, 2010. Disponível em: <<http://grupalfa.sites.uff.br/memorial-regina/biblioteca-regina-leite-garcia/>>. Acesso em: 15 set. 2023.

GARCIA, Regina Leite; VALLA, Victor V. A fala dos excluídos. *Cadernos Cedes*, n. 38, p. 9-17, 1996. Disponível em: <<http://grupalfa.sites.uff.br/memorial-regina/biblioteca-regina-leite-garcia/>>. Acesso em: 15 set. 2023.

LOUZADA, Virgínia; ALVES, Nilda. O pesquisador assume seus limites – início do processo para ir além da “cegueira epistemológica”. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, v. 15, n. 39, p. 163-178, 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5935/2238-1279.20180028>>. Acesso em: 13 set. 2023.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. Cotidianos aprendentes: Nilda Alves, Regina Leite Garcia e as lições nos/dos/com os cotidianos. *Momento*, v. 25, n. 1, p. 33-49, jan./jun. 2016.

ROSA, João Guimarães. A vida... o que ela quer da gente é coragem. 2020. (matéria em meio eletrônico). Disponível em: <<https://guatafoz.com.br/a-vida-o-que-ela-quer-da-gente-e-coragem-de-quimaraes-rosa/>>. Acesso em: 17 set. 2023.

SANTOS, D. B. Práticas educativas no trabalho da agente comunitária de saúde durante a pandemia da COVID-19. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-graduação em Processos Socioeducativos e

Práticas Escolares. Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2022.

SOARES, Conceição; ALVES, Nilda. Regina Leite Garcia por ela mesma: narrativas que produzem redes de aprendizagens, afetos e sensibilidades. *Momento*, v. 1, n. 1, p. 331-343, jan./jun. 2016. Disponível em: <<http://grupalfa.sites.uff.br/memorial-regina/biblioteca-regina-leite-garcia/>>. Acesso em: 13 set. 2023.

Recebido em: 24/09/2023.

Aceito em: 02/12/2023.

### Daiana Braga Santos

Graduada em Letras e Ciências Contábeis, mestranda no Programa de Pós-graduação em Processos Socioeducativos e Práticas Escolares, graduanda em Pedagogia, todas as formações pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Tem como área de interesse a alfabetização e o letramento com pessoas idosas, na qual atua como docente voluntária, além de trabalhar como agente comunitária de saúde no Sistema Único de Saúde.

 [daianabragasantosdbs@gmail.com](mailto:daianabragasantosdbs@gmail.com)

 <https://lattes.cnpq.br/7888306816116683>

 <https://orcid.org/0009-0007-1969-4072>

### Maria Luciana Botti

Graduada em Enfermagem e Obstetrícia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), especialista em Educação Profissional na Área de Saúde (FIOCRUZ), Especialista em Obstetrícia – ênfase em pré-natal e parto – pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), mestre em Enfermagem pela UEM, doutoranda em Psicologia na UFSJ e docente da Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná (UNICENTRO), atuando, principalmente, com os seguintes temas: saúde da mulher, saúde sexual e reprodutiva, saúde coletiva e ensino da enfermagem.

 [bottimalu31@gmail.com](mailto:bottimalu31@gmail.com)

 <http://lattes.cnpq.br/7703664274729037>

 <https://orcid.org/0009-0000-0035-4122>

### Cássia Beatriz Batista

Doutora em Psicologia Social, professora adjunta nos Programas de Pós-graduação em Educação e em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) e coordenadora do Grená (Grupo de Estudos Narrativas e Cuidado) do NESC (Núcleo de Estudos de Saúde Coletiva).

 [cassiabeatrizb@ufsj.edu.br](mailto:cassiabeatrizb@ufsj.edu.br)

 <http://lattes.cnpq.br/5707831064901009>

 <https://orcid.org/0000-0002-9393-0340>